

*Summistae. The Commentary Tradition on Thomas Aquinas' 'Summa Theologiae' from the 15<sup>th</sup> to the 17<sup>th</sup> centuries*, edited by Lidia Lanza & Marco Toste. Leuven University Press: Leuven (Ancient and Medieval Philosophy – Series 1-LVIII), 2021, 447 pp. ISBN: 978-946-27-0262-2.

Não será necessário insistir na importância e na urgência de um título, como o presente, inteiramente dedicado à receção da *Summa Theologiae* de São Tomás de Aquino (doravante: STh) entre os séculos XV e XVII nas escolas de teologia. Juntamente com as *Sentenças*, com cuja história aliás a STh se entrelaça, esta é uma autêntica obra prima de teologia e, anda hoje, a porta mais comum de acesso à brilhante teologia e pensamento tomasinos. Evidentemente, mas talvez fosse desnecessário frisá-lo, mesmo após o presente contributo quase tudo ainda está por fazer a este respeito, haja em vista que a poucos passos da STh acolhidos neste volume foi ainda dada a devida atenção. Todavia, o leitor não deve ficar com a impressão de que estamos perante uma obra imperfeita, muito menos dispensável. Pelo contrário. Eis o que deve ficar muito claro, desde o início desta recensão: com este volume, a dupla de investigadores que o dirigiu, Lidia Lanza e Marco Toste, não só se alcandora ao lugar de ímpar conhecedora do tema como, sobretudo, presta um inigualável e marcante serviço à comunidade dos historiadores da teologia, da filosofia, do tomismo e das ideias em geral. Dividida em duas grandes secções que são outros tantos objetivos francamente cumpridos – “Framing the Commentary Tradition” (pp. 3-184) e “Discussions in the Commentary Tradition” (pp. 187-424) – a obra conta com a contribuição de catorze investigadores, cujos méritos também não podem ser desprezados ou ignorados. Na sua totalidade o volume visa cumprir os propósitos seguintes (p. 4): mostrar, por um lado, como a STh se tornou texto-autoridade, como dela emergiu uma tradição comentarística e qual a sua relação com o pensamento escolástico medieval; por outro, assinalar a interpretação que diferentes autores ao longos dos três séculos escolhidos como balizas temporais fizeram de alguns tópicos da STh. A razão de ser do apesar de tudo longo espaço cronológico aparece justificada pelos quatro períodos em que os editores acordam em cindir a tradição comentarística da STh: o primeiro, no século XV, precisamente, assinalável pelas paráfrases dominicanas; o segundo, marcado pela inovação (*innovation*) de Francisco de Vitoria em introduzir a STh como matéria de leção na cadeira de Prima (1527); o terceiro, a partir de 1590, reconhecível pela entrada dos jesuítas nesta tradição; o quarto, por fim, estendendo-se de meados do século XVII até finais do XVIII, o alegado fim da chamada Escolástica (*the end of Scholasticism*). Dissémo-lo já: era impossível num volume só esgotar a STh. Não obstante, estamos em crer que, ao inaugurarem sistematicamente este tipo de investigação, Lanza e Toste dar-nos-ão, num futuro próximo, uma cada vez maior perspectiva da complexa e rica receção comentarística desta magna obra do Aquinate. Rígorosamente falando, e os dois editores acentuam-no sempre que podem, não estamos perante um contributo sobre o tomismo, outrossim perante uma tradição literária comentarística em torno desse

fascinante e conhecidíssimo título. Os contributos de Monica Brânzei e Chris Schabel (pp. 95-125), por um lado, e de Ueli Zahnd (p. 127-157), por outro, ajudam a demarcar com mais rigor o temário do trabalho, aquela dupla dedicando-se a uma espécie de pré-história da tradição comentarística, este último, a um tipo mais diversificado de trabalhos sobre a STh, a partir de 1520 provenientes de espaços como Colónia, Leipzig, Viena e o norte de Itália. O espaço, ou melhor, a geografia desta tradição é outra das fecundas lições e horizontes que este volume acrescenta ao da história. Da Península Ibérica à Europa Central, passando por Itália, Paris e Lovaina, naturalmente, mas também aflorando as regiões sul-americanas, o leitor pode pela primeira vez perseguir um panorama de inigualável expansão. E também de diferença, como é patente no caso paduano (estudado por Matthew Gaetano, pp. 159-184) no seu contraste com a situação salmanticense, a verdadeira “protagonista” deste volume, conforme teremos ocasião de reparar mais à frente. Enfim, embora apontado pelos dois editores (pp. 63-68), faltam também alguns (ou algum) capítulo sobre os relevantes sumistas com atividade na América Latina (e eventualmente também no Brasil, território que passa quase em silêncio). É, pois, algo assim como se a STh estivesse também ligada, não diretamente, é claro, à abertura do mundo. Sendo a STh, como lembrámos, tudo menos uma “suma”, mas antes uma obra vastíssima, e como esta pesquisa está no seu pródromo, são escassas as partes tratadas e os temas teológicos analisados. Salientemos os principais temas: o conhecimento providencial de Deus, em Iq14a13 (Brânzei e Schabel); as provas da existência de Deus (Igor Agostini para Iq2a2 e Mauro Mantovani para Iq2a3), a visão beatífica em Iq12a5 (William Duba), a subsistência da matéria primeira em Iq45a4 (Helen Hattab), a locação dos anjos em Iq52a1 (Daniel Novotny e Tomáš Machula) e – deixando SthI<sup>a</sup> e passando para SthII<sup>a</sup> – a “intolerância”, a propósito de I-IIq19 e 76 (Jean-Luc Solère); a descrença, a respeito de II-IIq10 (Andreas Wagner); a auto-preservação ou o sacrifício de si, a propósito de II-IIq26a4 e 5 (Marco Toste) e a condenação à morte, sobre II-IIq69a4 (Lidia Lanza). O método seguido, cautelosamente analítico e deveras circunscrito, assevera-se-nos consciencioso mas, ao mesmo tempo, bem indicativo do enorme desconhecimento em que a ciência se encontra a respeito da tradição estudada. Justamente, dada a nossa ignorância atual, mais relevo ainda adquire o pioneirismo da tarefa a que Lanza e Toste com coragem se entregaram. Esta dupla merece-nos também grande confiança porque, entre os demais colaboradores, foi ela que levou mais longe o trabalho com manuscritos inéditos. Toste e Lanza privilegiaram Salamanca, mas a última compulsou também manuscritos de Coimbra e Évora; ambos, finalmente, topando com o relevo da superação crítica de Tomás de Aquino por parte do seu primeiro maior aluno, Henrique de Gand. Sendo embora pouquíssimos os artigos da STh abordados face à imensidão do original, e a partir daquilo que já tivemos a oportunidade de dizer, perceber-se-á como uma valia mais deste volume diz respeito ao vasto campo de autores estudados e também sua prosopografia. Quanto aos mais relevantes “comentadores” contam-se, principalmente, os nomes de (e numa lista aleatoriamente feita) Caietano, Capréolo, Ferrara, Soto,

Melchior Cano, Domingo Báñez, Juan de Guevara, Vitoria, Molina, Vásquez, Suárez, Arriaga, Bayle, e, outros muitos mais, Giovanni Domenico Montagnolo, Gregório de Valência, Antonino de Florença, António de São Domingos, Pedro Simões Fernão Rebelo, Hernán Perez. Seria impossível darmos conta aqui de todos os nomes referidos, muito deles inéditos (dedicam-se quase quatro páginas ao elenco dos manuscritos examinados pelos vários autores). De facto, para tudo dizer de uma forma breve, por todos os seus méritos, seja na sua inevitável limitação, seja na sua consequente extensão, a obra conjunta de Lanza e Toste apresenta-se indiscutivelmente como um contributo de referência e uma obra pioneira que abre pistas fecundíssimas de investigação e se encontra repleta de inéditas informações. Após justificarem a razão de ser deste seu nunca por demais louvável empreendimento, Lanza e Toste detêm-se com vagar e absoluta competência na “tradição comentarística”, no papel da STh no ensino da teologia (seja no seio das ordens religiosas, com o natural relevo, para os dominicanos e jesuítas, seja nos espaços geográficos acima referidos). Repetimos: a competência dos dois editores afigura-se-nos tal que as noventa páginas de erudição e informação que assinaram para abrir o volume estão para já como o que de mais atualizado e sistemático com que o estado atual da ciência nos pode agraciar. Também são particularmente úteis as vastas e utilíssimas informações bibliográficas que ambos os editores recolhem para o leitor que se inicia ou o investigador que busca progredir. No que toca ao nosso interesse mais particular, o resultado do esforço desta dupla é inigualável, sobretudo quanto ao papel de Coimbra e de Évora, sobre as quais, valha a verdade, tudo ou quase tudo ainda resta fazer. De facto, enquanto para Salamanca, a informação cresce a um ritmo assinalável, para o espaço universitário nacional pouco ou quase nada ainda se fez. Decerto que se tal fragiliza a história da nossa teologia, reforça as descobertas de Lanza e Toste (entretanto urge conhecer o contributo destes mesmos dois investigadores publicado in *The School of Salamanca: A Case of Global Knowledge Production?*, Leiden, 2021, pp. 120-68). Gostaríamos, aliás, de, a este propósito, anunciar aqui e agora algo de promissor neste campo particular: Lidia Lanza e Marco Toste vão passar a dirigir na Enciclopédia em-linha que a Unidade de Investigação & Desenvolvimento Instituto de Estudos Filosóficos (IEF) publica – [www.conimbricenses.org](http://www.conimbricenses.org) – uma secção inteiramente dedicada à grande lacuna da investigação nacional destes séculos. Escusado será dizer que, em face do notável trabalho por ambos realizado, podemos almejar uma mudança no panorama das ideias e dos autores/atores no que à teologia e ao seu ensino tange. As duas Universidades de Coimbra e de Évora merecem-no, como bem o atestam, aliás, não só o artigo que ambos escreveram para o livro sobre a “escola de Salamanca” e a que fizemos referência há poucas linhas atrás, como também os artigos que Lidia Lanza e Marco Toste assinam na presente obra. Para um caso eventualmente atinente à relação Évora/Brasil, Lúcio Marques referenciou também os nomes de Domingos de Araújo, Salvador de Oliveira e António de Guimarães (vd. *A Lógica da Necessidade*, Porto Alegre, 2018, pp. 143-44). Sem surpresa para nós, ressalta o facto de que a contribuição no espaço lusitano é em muito deve-

dora do “Salamanca system” (p. 59) – mas ainda está por avaliar e medir essa dependência – e, sobretudo, a evidência que constituía, seguramente, a maior lacuna e fonte de interrogação para quem se vem dedicando aos textos de filosofia compostos nesta mesma época. Deste ponto de vista, enquanto Vitoria pode ser o “pai” da denominada escola de Salamanca, Fonseca parece ter o mesmo papel em relação à, digamos (também cautelosamente), “escola de Coimbra”. Mas isto implicava que a filosofia produzida entre nós privilegiasse as dimensões teoréticas em detrimento de uma “applied philosophy” (perdoe-se-nos o anglicismo). Ora, também as descobertas de Lanza e Toste ajudam-nos a perceber e a confirmar que para esta última dimensão haverá que contarmos com os textos provenientes das Faculdades de Teologia e dos colégios das ordens onde esta disciplina era ensinada (a escola franciscana tinha estudo próprio, as restantes ordens estudavam na Universidade de Coimbra, a Companhia de Jesus nos seus colégios e na sua Universidade de Évora). É certo que cautelosamente os editores se desvinculam, quer da ideia de uma “practical theology” quer mesmo da designação “Escola de Salamanca” (pp. 12-13), mas ressalta inequivocamente deste volume uma constatação para a qual venho há algum tempo chamando a atenção e para a qual também tenho contribuído (embora para o campo exclusivo da filosofia de Aristóteles): um texto “comentarístico” leva quase sempre o selo individual do comentador e da sua circunstância (pp. 9-10), assim se ultrapassando o autor comentado e se cria uma tessitura de manutenção cada vez mais frágil. A atenção de Duba quanto às divergências no seio da Companhia de Jesus, mormamente Molina, Vázquez e Suárez, ou também aquelas mais alargadas e assinaladas por Lanza e Toste – a saber: Molina e Pérez em Évora, Vázquez e Suárez em Roma, e ainda Diego Granado e Gregório de Valência (p. 10) – apenas confirmam tudo o que temos vindo a dizer, embora, repetimos, no campo da filosofia. Muito concretamente, temos avançado como os nomes de Pedro Gómez vs. Pedro da Fonseca, Fonseca vs. Marcos Jorge, Luís Molina vs. Fonseca, e Manuel de Góis vs. Fonseca. De igual modo, na monografia anteriormente recenseada Hélène Leblanc mostrou o contraste Pedro da Fonseca vs. Sebastião do Couto. Enfim, o estudioso mais interessado em filosofia, como será o caso, estou em crer, do leitor desta *Revista Filosófica de Coimbra*, não deve cair no erro ou no obstáculo epistemológico que seria avaliar o horizonte da nossa filosofia pelo lado exclusivo das faculdades ou divisões académicas administrativas. A verdade é que, e aqui também, cabia à STh de Tomás de Aquino – ou melhor, aos seus comentaristas – trabalhar com matérias que em filosofia inscrevemos hoje nos setores da política, da filosofia social, da ética, da economia e da filosofia jurídica. Numa nossa recente copublicação sobre Suárez pudemos apresentar e discutir um caso que hoje seria tratado, pragmaticamente, nos tribunais, e teoricamente, numa sala de aulas de filosofia, relativo ao *stalking* e ao femicídio (vd. *Francisco Suárez: Metaphysics, Politics and Ethics/ Francisco Suárez: Metafísica, Política e Ética Francisco Suárez: Metafísica, Política y Ética*, Coimbra, 2020, pp. 517-539). E, no entanto, tal saiu da mão de um teólogo. Vê-se facilmente, assim o espero, como será promissor o crescimento dos estudos na difícil área em que Lanza

e Toste são autoridades, a saber, o pensamento jurídico-político. Seja como for, e tal como os editores oportunamente frisam, os aspetos mais teóricos da STh nunca foram descurados, nem subestimados pela tradição. Não é possível entrar em pormenores no quadro de uma simples mas entusiasta recensão. Apesar de tudo, não gostaria de terminar sem deixar de assinalar, já à guisa de exaltante sublinhado, já de reparo, os pontos seguintes. E começando pelas aparentes distrações de Helen Hattab (p. 277) que a respeito do *Comentário à Física* de Manuel de Góis comete dois lapsos que importa corrigir numa segunda edição deste volume, a saber: a data de publicação do comentário é de 1592 – que sentido faz escrever: “in the Coimbran Commentary of 1594” mesmo quando se compulsa a edição de Lyon? – e o tema da matéria, aliás superficialmente abordado pela autora, que devia remeter para capítulo 9 (e não 7) do Livro I (mas aqui deve tratar-se de uma gralha pois a nota 44 regista uma remissão correta). Passando, agora, a pontos e problemas que nos merecem destaque reflexivo, não sem antes prevenir o leitor de que o que se segue não tem qualquer pretensão de esgotar a riqueza do volume. Em rigor, vamos ficar apenas por um elenco de situações. Começaria por evidenciar como lição muito positiva a insistência metodológica e epistemológica em desvincular-se a tradição de comentários à STh de todas as formas possíveis conhecidas como “tomismo” ou mesmo “neotomismo”. Fica por determinar com mais rigor até que ponto a “tradição” estudada é estritamente teológica e não deve acolher outros registos; estou a pensar no tipo particular dos comentários filosóficos à *Ética Nicomaqueia*, qual, por exemplo, o de Manuel de Góis, bastante determinado e sustentado pela SthII<sup>a</sup> (veja-se em todo o caso, p. 29, para a situação particular da Faculdade das Artes de Salamanca recorrendo à STh); deixaria, por isso, a pergunta seguinte: é certo que Jacob Schmutz tem razão em falar de “desmantelamento da STh”, mas os casos que a suportam (*De legibus*, *De fide*, etc.) não podem ser também ditos acerca da particular situação da *Ethica* (mesmo ressalvados os estilos referidos pelos editores na p. 7)? Já que recorreremos acima à obra de Hélène Leblanc, a qual continua a pleitear pela ligação de Salamanca a Paris (via Pedro Crockaert, e mais especificamente, para a semiótica, via João Mair), como podemos, não digo “aceitar”, mas digo “ler”, “interpretar” ou mesmo “avaliar” o lugar concedido à já citada inovação de Francisco de Vitoria em Salamanca (p. 15, p. 28)? No magnífico estado da arte que os dois editores nos proporcionam lê-se (p. 16) que os jesuítas envolveram-se no ensino superior da teologia nos anos 50; importaria todavia perguntar como se deve então entender o nível do curso de teologia começado no Colégio de Jesus de Coimbra em 1542 (vd. F. Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, 1931, tomo 1, p. 574)? Recorde-se que apenas um ano antes (p. 16), Martinho de Ledesma enceta o magistério em Vésperas, na Universidade embora, não naquele Colégio, tendo consigo os textos de Vitoria e Soto. Recorde-se ainda que, e ao contrário do que sucedeu v.g. em Salamanca (vd. p. 29), em Coimbra nunca a Companhia de Jesus esteve ligada à Universidade (o caso excecional de Francisco Suárez é eminentemente político e visaria, por isso, no pensar régio, fazer migrar a centralidade de Salamanca

para Coimbra). Graças à informação da página 22, nota 65, é-nos possível completar ou corrigir o que Manuel Augusto Rodrigues deixou escrito sobre a obra do dominicano irlandês e professor em Coimbra, Diogo Artur (vd. *Memoria Professorum Universitatis Conimbricensis*, Coimbra, 2003, tomo 1, p. 7). Se nos parece óbvio, dada a disparidade entre os inicianos, que a diferença de ideias é uma marca de toda esta tradição, não causa surpresa a “inspiração” crítica de Salamanca nos professores da Companhia (p. 36), mas impõe-se uma idêntica cada vez maior sondagem a todas as ordens religiosas, que as identificadas pelos editores, quer as omissas (como os Servitas). No fim desta algo inusitadamente longa recensão, creio que ficou bem claro todo o nosso apreço por esta tão relevante publicação e acima de tudo pelo louvável trabalho dos seus editores. Qualquer que seja a sua proveniência – a teologia, a filosofia, a história e a história das ideias, o género comentarístico, etc. – encontrará o/a leitor/a um rico manancial de informações e um opulento cadinho de pistas para futuras e cada vez mais aprofundadas pesquisas. Resta-nos, por isso, deixar sem qualquer reserva os parabéns e votos de continuação de tão notável e competente investigação aos dois tão jovens investigadores, Lidia Lanza e Marco Toste.

*Mário Santiago de Carvalho*

Universidade de Coimbra

Faculdade de Letras – DFCI

Unidade I&D: IEF

Email: carvalhomario07@gmail.com

ORCID: 0000-0002-8257-9962

DOI: [https://doi.org/10.14195/0872-0851\\_60\\_14](https://doi.org/10.14195/0872-0851_60_14)